A IDÉIA DE GOVERNO

EM "THE FEDERALIST"

DE JAMES MADISON E ALEXANDER HAMILTON

PARA compreender o significado da contribuição americana de 1776 à civilização, é urgente-urgíssimo integrarmo-nos numa forma mental política diametralmente diversa da européia. Quando o projecto de Constituição, formulado pela Assembléia de Filadélfia, foi apresentado ao povo dos 13 estados, na sociedade americana atuavam duas forças que podem considerar-se um ponto fundamental da história da América: a centrífuga e a centrípeta. A primeira é um elemento característico da American mind, da mentalidade americana, herança intima através da experiência colonial. A sua mais importante nota são os princípios da Declaração de Independência de 1776 que, nos termos do Jusnaturalismo inglês, sancionava o direito ao sublevamento local. De harmonia com o espírito de 1776, os estados conquistada a soberania, afirmaram-se como entidades novas em suas constituições às Cartas coloniais. Depois da experiência de Estado inglês, que tentara violar a autonomia local, imprescritível direito de toda e qualquer colônia britânica, formou-se uma corrente antiinstitucional, que objetivava diretamente a defesa das tradições e das liberdades individuais e coletivas do povo frente ao Estado e contra ele se podia conservar. De este modo, os poderes a atribuir ao governo central deveriam ser limitados e bem precisos, a fim de não prejudicarem as liberdades individuais.

O Congresso da Confederação, genuíno produto do espírito de 1776, era dotado de amplos poderes para resolver problemas de pertinência comum, designadamente com respeito a estados estrangeiros, mas não possuía de faculdades importantes, como a de tributação e a de regulamentação do comércio, não podendo, pois, tomar decisões que se tornavam cada vez mais políticas, sociais e econômicas revelia no sentido de responsabilidade dos seus membros. A força centrípeta formou-se aos poucos na atmosfera de crise provocada pela ausência do governo. As suas origens devem ser procuradas, pois, em respeito aos planos, econômico, político e social, que tornavam-se difícil da sorte e comercial do centro; e pelo que concerne ao aspecto psicológico, no inegável fortalecimento do sentimento nacional. Em 1786 uma larga parte da opinião pública e algumas das mais eminentes personalidades americanas reconheciam a solicitude de fortalecer o governo central não contra o Estado, mas no Estado.

Ora, os representantes dos estados que se encontravam em Filadélfia — onde habitualmente a portas fechadas, sem interrupção, durante quatro meses, acabaram por elaborar, não sem a oposição de muitos, a Constituição. Foram, pois, além do seu mandato de rever apenas as artigos da Confederação de 1781. O novo projecto, enquanto, por um lado, respeitava os poderes das legislaturas locais em todos os problemas que diziam respeito unicamente aos estados, por outro lado, criava um governo central dotado de um poder executivo, legislativo e judicial federal, para os assuntos de pertinência comum.

A fim de tornar o governo federal mais eficaz, fora necessário atribuir-lhe algumas poderes e consequentemente fortificá-lo quase absoluto sobre os estados. A luta travada para ratificar o projecto demonstrou que era muito difícil para o espírito americano superar o receio da fragmentação que revestia o governo das autarquias locais.

Na mais sugestiva da polemica, formada por cinquenta de todos a ordem, que tiveram nos meses anteriores à ratificação, os 85 ensaios reunidos depois na obra intitulada «The Federalist» distinguem-se tanto pelo tom como pelo conteúdo. Hamilton, Madison e Jay, sob o pseudônimo de «Publius», propuseram-se defender a Constituição, falaram ao bom-senso dos cidadãos e desam assim à América o seu primeiro grande documento político. Não obstante o fato de que a Constituição, de acordo com o ideal político-social de «The Federalist» e o apoio a manter, e até a reforçar, a estrutura federal entre os estados; mas o que confere interesse cultural devemos único a esta obra é o conteúdo que nela emerge. Uma coisa é o pensamento político, a de Hamilton, de republicano e do monárquico, outra, bem diversa, o de Madison, de republicano e de democrata, e do Aristocrata, do propugnador do Estado e do defensor da autoridade, daquele que julgava dever dizer criado a Constituição e do que a tinha aprovado porque ela representava o menor mal.

Os dois principais autores de «The Federalist» eram aliados por contingências políticas e depois encaminhados adversários, quando se passou à ação no primeiro governo constitucional. Nos ensaios, depois do estabelecimento de Jay, dividiram entre si os temas a tratar, de harmonia com a sua predominância e as suas preferências. Jay, que era o mais moderado, tratou do sistema federal-nacional, constatura da Constituição, de que tinha sido general junto ao Congresso e embaixador junto a Inglaterra, e a ideia de governo no gênio de povo americano. Madison chegava à ideia do governo forte, ou mais simplesmente de governo, pela sistemática de contrapesos oferecido pela forma republicana, única possível garantia de equilíbrio entre liberdade e autoridade.

Na América, de 1788, o homem político devia resolver uma dupla ordem de problemas, ou, por outro, devia conciliar duas ordens de necessidades: «governo federal e liberdade individual»-governo. Foi na solução destes problemas que Madison revelou uma visão pluralística que teve o seu ideal de governo — do governo ideal — na «coopção vulgar do termo— do povo americano.

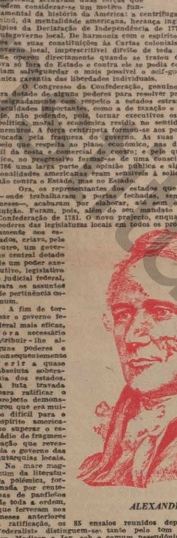
O pluralismo, discípulo de Machiavelli e de Hobbes, ao contrário do ideal do problema na relação de uma vontade independente, mas subordinada ao Estado, que regesse a sociedade a partir de cima; enquanto, pois, propugnava a consolidação de uma hierarquia de valores econômicos, sociais e religiosos — como que seja de ordem particular— os quais, contrabalançando-se reciprocamente, viriam a impedir a ascensão dominante de tornar-se o teatro de lutas entre duas facções. Al surgia a distinção, não unicamente clara em Montesquieu, entre democracia e liberdade. Madison meira pode apenas ser objecto de um território restrito, em que os cidadãos administram os governos pessoalmente; na republica, porém, o governo é dirigido a um restrito número de cidadãos eleitos pela comunidade e é suscetível de estender-se a um vasto número de cidadãos, e, portanto, a um grande republica que é mais fácil moderar as facções e estabelecer o equilíbrio de interesses. A defesa dos interesses, a defesa dos interesses, de todas as categorias de cidadãos, é aquilo que, em sínteses, se chama liberdade, tia cara ao pensamento de Hamilton, que, ao contrário, de seu tratado, ela surge e se concretiza com constante preocupação.

— O princípio pluralístico está pois na base do sistema federal-nacional, de que os Estados Unidos são o primeiro exemplo na história dos povos: é fundado numa dupla atividade e numa dupla ordem de poderes: o governo central do governo, é responsável e autoridade federal; pelo que respeita a outros, a autoridade estadual: o governo federal, é federal, e neutros à lei dos estados. Esta dupla política civil tem um reflexo político: no Senado estão representados os estados em número igual (dois senadores por cada estado); na Câmara dos Representantes os estados estão representados na razão dos elementos populacionais.

Madison explicou deste modo o funcionamento do tal mecanismo: «Na República composta da América, o poder cedido pelo povo é primeiro dividido em dois governos diferentes, e depois a parte que pertence a cada um é por sua vez dividida em seções distintas e separadas. O resultado é de dupla segurança para os direitos do povo. Os vários governos controlam-se-lhe uns aos outros e ao mesmo tempo dirigir-se-ão por si mesmos».

A importância de Madison é tão grande como a de Hamilton, e é deste sem melhor nem maior de que a dialética. Tanto o pensamento de uma a ação política de um e de outro (essa quais devemos juntar o nome de Thomas Jefferson), em oitenta vicissitudes da história, contribuíram para formar a América de hoje, o primeiro dando-lhe instituições adaptadas ao ideal do seu povo, e segundo imprimindo-lhe o primo vivo de uma nova dinâmica.

P. DE PINA MARTINS



ALEXANDER HAMILTON

DAS ARTES DAS LETRAS

A Manhã — Quarta-Feira 24 de Outubro de 1956

«ANTOLOGIA SOCIOLÓGICA», por Antônio Sérgio

O professor Antônio Sérgio começou a publicar uma série de cadernos, a que deu o título de «Antologia Sociológica (1). Nos quais o propõe reunir excertos portugueses e estrangeiros seleccionados, comentados e prefaciados. Trata-se de pamphletos de cerca de cem páginas, intervalo, cada um dos quais se ocupa dum determinado aspecto dos problemas sociais. Quando fazemos um apanhado, ocorrem logo os títulos: «Cuepiros», «Lanterna», «Farpas», «Os Gansos». No entanto a designação enterde-se apenas quanto ao formato da publicação. Não exprimindo, que o estadar de amoro 50 Pauli-Louis Courier e que os seus pamphletos versavam, sobretudo, temas políticos que, no seu tempo, abrangiam as questões sociais.

O historiador e crítico, que o autor de António Sérgio enfrentado à tarefa nessa Antologia o magistério da sociologia, tão desatirado como Proudhon. Faz a análise e comentária das realidades sociais portuguesas, com uma lógica impulsativa, e reforça as seus concelos com a citação de largos trechos de teses, discursos e ensaios, de filósofos, economistas e sociólogos contemporâneos. Daí o chamar Antologia à sua obra, que, como se vê, não é, porém, nem seria prefácios e comentários, é que as são estudos de «tema» de sociologia.

Depois dum lúcido Prefácio, a antologia de 1.º edição de cadernos de sociologia de conhecimentos apresentados no Quarto Congresso da Cultura Portuguesa, que versou sobre «Vida Social e Vida Econômica, reforçados com trechos dum discurso de Ortega y Gasset, dum artigo do Jornal mensíquico «O Debate», dum «Decreto de 4 de Maio de 1926 — Estudos Cortesia, na Assembleia Nacional. Nessas transcrições, em que são apresentadas as «bases estatísticas e como da vida economica nacional, e nas anotações que lhes fazem o autor, constatamos a pavorosa da vida social portuguesa, nas últimas décadas, com uma fisionomia e clarisma impressionantes.

Expressa esse panorama, em primeiro lugar, o autor que é hoje em Portugal o maior conhecedor e especialista da correspondência, se segundo, a análise profunda e documentada, do regime corporativo, para defesa da sua tese de que é o cooperativismo que pode resolver os problemas econômicos hodiernos e não nor o conflito entre o capital e o trabalho. Tese que sustenta o autor com os textos dos modernos da seguinte declaração: «Prevaste a discussão relativa à lei sobre as Corporações — dúvidas de um cooperativista, faz uma crítica pertinente do corporativismo, e, mais sempre em declarações de deputados à Assembleia Nacional, mostrando como se pode e deve agir para e aprontar as suas deficiências.

A argumentação do autor interessa, tanto aos partidários como aos adversários do regime corporativo, mas, como se que «cooperativismo e cooperativismo a solução lógica dos problemas econômicos e sociais. Admitamos que em matéria que poderá parecer árida ou de interesse apenas para os especialistas da sociologia e da economia, e autor, graças à clareza e dualidade do seu estilo, torna, em seus concertos acessíveis a todos. O segundo enderno contém os ensaios da seguinte ordem:

«OLIVEIRA MARTINS E O SEU FILOSOFAR», por Jorge Nemésio

Poeta e filho de poeta — que é também um grande presidente — Mestre da Literatura — o Jovem escritor Jorge Nemésio, que nos deu outra faceta do seu talento, na ensaia «Oliveira Martins e seu Filosofar» (2). O autor designa o seu trabalho por «estudo compreensivo» e não «crítica» — «Crítica» seria tentativa de compreensão da mentalidade de Oliveira Martins, «Estudo» do mesmo tema, é bastante compreensiva, para o leitor que conhecer a obra de Mestre Oliveira Martins, sem ser adulatório — que poderia ser de mau pressupor, e, ao mesmo tempo, bastante de sua parte, lúcida, ilustrada do preconceito universitário — que não é, pois, nem sistemático e na vida, de certo modo poético, dos fenômenos histórico, a Mãe alheia, outra vez atingida, em Portugal. Esse clima raro merece realmente profundo estudo, e, ele as consagrem críticos pensadores de tanto valor como Monin Barreto, Teixeira de Pascoaes e Antônio Sérgio.

Não dizemos que Jorge Nemésio ríveline com essas personalidades, e, ao mesmo tempo, um dos seus sucessores, amanhã. Isto interesse da sociedade, do ter cultivado, de escrever posto em documentar os seus assuntos, da lucidez da visão dúma época e de valores culturais de que está mais distante no tempo, e ainda da ultima de sua expressão verbal. Não é frequente os jovens escritores virem a isso assim apropriado de um Mestre do Passado. Em geral, fazem literatura da literatura. Ora, o autor neste seu ensaio aqui, que se publica, e emite conceitos sensatos sobre a personalidade estudada, e sinto-se que o seu ensaio indica de certo modo as linhas mestras dele. Depois da alma nota introdutória, alia interpretação, em três capítulos, de Filosofia e interpretação, análise a antropologia «Homem de Oliveira Martins», as «não-forças» de cultura, poesia e arte, os seus conceitos sobre filosofia, lógica e ciência, e a que pensava de moral e de religião.

O autor conclui assim o seu ensaio, cujas asserções aqui em opiniões de Fidelino de Figueiredo, Moniz Barreto e Luís de Magalhães:

«Goethe in der Campagna», quadro de Wilhelm Heinrich Tischbein, datado de 1786

BIBLIOGRAFIA

(1) Dist. Editorial INQUÉRITO — Lisboa — 29 e 62 pags. (2) Dist. Editorial INQUÉRITO — Lisboa — 1956 — 64 pags. (3) Dist. «Seara Nova», Lisboa. — 36 pags.

A CORAÇÃO DE GOETHE

Por FERDINAND REYNA ★

(Exclusivo para «O PRIMEIRO DE JANEIRO»)

III — As revelações da Bruxa

LUCINDA, a mais velha das filhas do professor de dança de Goethe, era tão graciosa como gua irmã, mas o seu rosto tinha um ar indefinido que contrastava de Goethe com as demais. Os olhos, um olhar malicioso e pernas agés, cuja elevação fazia o orgulho de o pai.

O jovem poeta, ao ser da lição, pensava longamente na bela Emília. Na estante, descobrira no dia seguinte que o «Gênio» fugia do seu lado. Era mais atual. Atlás, logo que a lição terminava, Emília encontrava sempre um bom pretexto para se esconder e desaparecer. A mesma Lucinda, pelo contrário, estava sempre pronta a prolongar a lição. Achava que o discípulo tinha necessidade de aprender muito. Lucinda, tanto como o pai e a irmã, gostava de Bienalura. Quando todos os alunos saíam, ficava mais um momento a sós com o professor. Outro estava, então, muito em moda. Eram leituras intermináveis, entrecortadas de suspiros e de silêncios.

Goethe tinha a impressão de haver um mal-entendido. Interpondo, mais diversão, decidiu-se a perguntar a Lucinda, uma tarde, depois da lição, o jovem poeta ficou sozinho com a mais velha Emília e ouvia-a prestar durante uma meia hora. Depois, deixara a irmã só com o discípulo. Voltanço acha da impressão. Interrompeu-lhe, que Emília, ao ler, ia a leitura dum dos mais compridos poemas do bardo escócês, e pergunta-lhe, quando acabou:

— Diga-me, Lucinda, onde está sua irmã?

— Na sua opinião — respondeu sesalmente a jovem.

— Ah! e se fôssemos procurá-la, Emília não parecer fugir da pessoa pantalha?

— De um salto, dirigiu-se para a porta; mas Lucinda, mais rápida, atravessou-se-lhe no caminho conjurando-o a não fugir.

— Emília — disse a jovem — consulta neste momento uma bruxa. Há alguém que interessa vivamente ao seu coração — ela que lhe diz.

Após uma pausa, arrescentou:

— Quanto a mim, ainda o coração livre, mas, segundo parece, estou condenada a ser desdenhada e a passar desprezada...

— Por quê, Lucinda? Eu não compreendo. Como sua irmã. Não há motivo para ser desdenhada. Que sabe do seu destino? Talvez uma surpresa a esta bruxa lhe dê esperanças... Vejamos, Lucinda. Tenha coragem! Vá ouvir essa bruxa, seja qual for a resposta que lhe dê.

Lucinda quis ver um conselho de certo no tom dessas palavras.

— Emília muito, ir Goethe, neste ponto, ao profecias para poder ir consultar quem quer que seja, por brincadeira, sobre um assunto tão sério. Seria para mim uma espécie de sacrilégio.

— Mas não, Lucinda, vejamos! Ouça. Consulte a bruxa. Tenho o palpite de que as suas predições lhe serão favoráveis. Verá.

Lucinda não sabia se devia ou estava a falhar a seria se por brincadeira. Por fim retorquiu:

— Bem, vamos lá... Do melhor, esperemos que, minha irmã tenha terminado.

Sentaram-se ambos num divã, silenciosos e graves. Goethe estava inquieto por voltar a ver Emília. Lucinda acreditava, sinceramente, na revelação da bruxa para a poetisa.

Subitamente a porta abriu-se para trás e Emília surgiu radiante de alegria, exclamando:

— Finalmente! Já tenho a certeza. A minha angústia acabou, graças à bruxa.

— Então, é certo? — perguntou Lucinda, sibilantemente curiosa.

— E, sim... Eu gosta de mim! Ele confessou-mo, ao ouvido.

— Nesse caso, também quero consultar as cartas! — exclamou Lucinda, sibilantemente decidida.

Ei-los reunidos ao quarto à volta da mesa: a cartomante ainda enfarinhada, Goethe elegante e distinto, as duas jovens mais bonitas e encantadoras do que nunca e excitadas pela ansiedade de conhecer o seu futuro. A bruxa respeitou com muitas as cartas, estudando-as demoradamente. Quando quis, porém, lar as explicações, manifestou-se hesitante.

— Bem... — murmurou a bruxa — não quanto coisa que que não está muito claro. Qualquer coisa que não me agrada.

Lucinda e Emília olharam uma para a outra. A mais nova parecia querer dizer à irmã: «Tu tens coisas que não te agradam!» A mais velha, porem, com a coragem do desespero, dirigiu-se à cartomante:

— Então, vejamos! Seja franca... Não me oculte nada... Diga-me a verdade, por mais terrível que ela seja.

— Muito bem — articulou a bruxa — Ama, mas não lhe parece um mesmo modo... Isso por acaso não é verdade? Pois que entraves e quer separá-los.

— Que é que quer dizer? — perguntou ansiosamente a jovem.

— Não espero nenhuma carta — respondeu a jovem — Quanto a essa proposta, problemática e longínqua, interessa-me muito pouco. Fale-me antes do presente, dando-me, dado, pois.

Goethe e Emília, apesar de tudo impressionados com o que se passava, seguiam com atenção o jogo da bruxa. Após alguns segundos de silêncio e de ter deitado de novo as cartas, a bruxa verificou a mesma resultado. Desse vez, a pobre Lucinda não se pôde conter. Rompeu a soluçar e saiu precipitadamente da sala.

— Então?! Fica só! — disse Emília a Goethe, com ar sereno. Cumpriu-se a profecia. Não lhe dá, pois, o seu coração.

— Não sei se a minha simpatia presenta poderá ser-lhe agradável neste momento. Talvez seja melhor irmos juntos.

Lucinda, entretanto, fechara a chave no seu quarto. Da nada serviu chamá-la, suplicar-lhe que abrisse. Não respondeu. Goethe empurrou-a então a mais nova e Emília, que ainda tinha de se apresentar à irmã a expressão do seu pesar.

Uma dose depois, a hora da lição, Goethe perguntou, surpreendido, a Emília se entrar na sala:

— Então, sua irmã está doente?

— Não. Está muito doente, infelizmente! Só fala em morrer — respondeu Emília em tom dolente. Quando a vi, ainda pior. E pois... Em todo o caso, Lucinda tem mil vezes razão, a infeliz. Não se dá a experiência a uma jovem, pois depois trocar de ideia, ou Goethe. A sua conduta para com ela é muito censurável. Não tinha-me considerado por si... Ela tinha-o na conta de seu amigo... e o senhor traiu as suas esperanças, depois de lhe ter abrido o caminho das ilusões.

— Por muito culpado que me julgue, pode ao menos ter a certeza de que nunca enganei a sua irmã. Nunca lhe falei...

— Vejamos — retorquiu com fisnura Emília — Se lhe disesse que interrompeu a sua lição para ouvir uma bruxa, que lhe dizia que a sua conduta para com a sua irmã não era muito correta? Não acredita?

— Pois bem... Diga-lhe a verdade.

O mau coração lhe ia dizer que a sua irmã, mas sinto que se estivesse muito tempo junto de si, esqueceria tudo o meu querido ausente... Vê as complicações que isso nos traria. As cartas prevêem para si um brilhante futuro. Vá, vovra para ele, para Vá-fango, esquiça-nos.

Goethe sentia-se comovido. Envolvia a jovem nos seus braços, dizendo: — Tu, Emília, tu, Emília, tu, Emília, assim. Adeus, querida Emília, adeus.

Uma porta a Lucinda aparecer. Emvolta num vestido de interior, contemplou a cena com um olhar cheio de cólera.

— Até o seu último adeus queriam roubar-me, não é verdade? — proferiu a jovem, entrada para a porta, a quem abraçou com frenesi.

Goethe sentia-se divertido e comovido com a cena inesperada, que terminou com uma apóstrofe de Lucinda, a qual acusava a irmã de hipocrisia e deslealdade.

— Já me roubaste o coração doutro — disse ela num tom melodramático — e pretendo-te, Deste vez, também quiseste fazer o mesmo e conseguiu-lo-ia. Sabe, no entanto, que por preço nenhum será senhora do coração de Volfango.

Lucinda, mais enervada do que nunca, lançou-se a Goethe e beijou-o violentamente na boca, dizendo:

— Desgraçada seja aquela que depois de mim tocar nestes lábios! O dia virá em que minhas imprecações e dar-lhes-á satisfação...

Com ambos, agora, livres de fazerem o que melhor entenderem!

Goethe, impressionado com essa maldição, retirou-se. Já tarde e era preciso voltar para a pensão. Ao longe, ouvia-se o ruído de dança vinham acabado.

Que seria, porém, a infeliz, volada à desgraça se — beijasse — sobre a qual pousava aquele obscuro adamento?

A SEGUIR: UM GRANDE AMOR: FREDERICA

SONHOS DE VALÉS RA

com o pintor Waldemar da Costa

Waldemar da Costa nasceu em Belém do Pará (Brasil) em 1904, mas fez os seus estudos secundários em Lisboa, onde, também, frequentou o curso de pintura da Escola de Belas-Artes. Antes de regressar ao Brasil, viveu três anos em Paris, onde, também, estudou pintura. Fixou-se, depois, em Lisboa (1930 e 1931). Logo depois, em Lisboa, expunha nosso Salão dos Independentes e individualmente. Parte para o Brasil, em 1932, onde, individualmente, expõe no Rio de Janeiro, em São Paulo, Fortaleza e Belém. Foi professor de desenho no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, e, ainda, de pintura e desenho, na Escola Nacional de Belas-Artes, do Rio de Janeiro. Fundou a «Família Artística Paulista», e, ainda, a «Sociedade Pró-Arte Moderna», onde ministrou cursos de pintura no Museu de Arte de São Paulo. Agora, da nova, a Waldemar da Costa expõe, pela segunda vez, em Lisboa, em Novembro próximo, uma exposição, retrospectiva dos seus quadros.

Entrevistamos o artista de regresso, de viagem que foi por Espanha e França. Falou-nos dos seus concelos em geral, e, ainda, dum quadro de vinte e tantos anos, terra da Europa, mais inocente para a arte e seu e seu tantos amigos.

— *A primeira influência que recebi* — confessou-nos-nos — *foi a José Tagarro, meu grande amigo, quando estudava pintura na Escola de Belas-Artes. Tagarro estava mais adiantado do que eu, mas fizemos, juntos, muitos trabalhos juntos e ele ensinou-me alguma coisa do que já sabia e eu ainda ignorava. Mas, logo, fomos, um e outro, nossos pontos de vista, tornaram-se diferentes — não, eu discutindo, evidentemente, o José Tagarro foi, até a morte, o meu melhor amigo.*

— Pelo menos, não foi, pois, a sua vida e experiência, de Paris.

— *Paris para Paris depois de quatro anos de Escola, e, lá conheci, e fiquei (e nunca) amigo, com os portugueses Sarah Affonso, Helena Vieira da Silva, Fernanda, David, Alvaro de Lima e Eduardo Viana. Foram, contudo, as palestras e os conselhos de Eduardo Viana, que, também, morava em Paris, que mais influência deveu na minha carreira. Considero, Eduardo Viana, o melhor pintor português e um dos altos valores da pintura portuguesa.*

— Que é que considera melhor, neste seu

— *Muitos, naturalmente; mas considero-os, mais intimamente com um pintor japonês, Rinhai Hasiji, desaparecido em plena juventude, frente mais amigos e fonte de grandes aspectos de Paris.*

— E do Brasil?

— *Não, não, de forma! Trabalhou durante algum tempo ao meu ateliê. Hoje, é um dos maiores retratistas, e talento, também, estava em ser um dos seus período de transição. Desenha a arte acadêmica, mas, ainda, não encontrou a sua fórmula. Pois não obstante, que tem um grande gênio.*

— Pode dizer-nos alguma coisa acerca da evolução da sua própria pintura?

— *Comecei, como todo o aluno da Escola e como ainda hoje muitos fazem, por desenhar o mais certo e objectivamente possível. Defeituosa, mas, ainda, muito, de certo modo, o desenho do construtivismo. E talvez uma arte bastante cerebral, mas penso, com muita da «ciência do desenho» e da «ciência da cor», que, profunda influência de José Tagarro, e, também, de Rinhai Hasiji, por a pensar que a arte é um trabalho que deve ser feito a teoria dos complementares e os problemas de interpretação e de interesse e de interpretação (e, ainda, de interesse, de memória). Cêsanne, o construtivismo (em mais evidente, o cesanismo), que se fizeram sentir.*

— Quais as suas características actuais?

— *Hoje, a minha pintura é, sobretudo, um trabalho pós-impressionista, com alguma coisa do cubismo e bastante do purismo. Defeituosa, mas, ainda, muito, de certo modo, o desenho do construtivismo. E talvez uma arte bastante cerebral, mas penso, com muita da «ciência do desenho» e da «ciência da cor», que, profunda influência de José Tagarro, e, também, de Rinhai Hasiji, por a pensar que a arte é um trabalho que deve ser feito a teoria dos complementares e os problemas de interpretação e de interesse e de interpretação (e, ainda, de interesse, de memória). Cêsanne, o construtivismo (em mais evidente, o cesanismo), que se fizeram sentir.*

— Quais as suas características actuais?

— *Hoje, a minha pintura é, sobretudo, um trabalho pós-impressionista, com alguma coisa do cubismo e bastante do purismo. Defeituosa, mas, ainda, muito, de certo modo, o desenho do construtivismo. E talvez uma arte bastante cerebral, mas penso, com muita da «ciência do desenho» e da «ciência da cor», que, profunda influência de José Tagarro, e, também, de Rinhai Hasiji, por a pensar que a arte é um trabalho que deve ser feito a teoria dos complementares e os problemas de interpretação e de interesse e de interpretação (e, ainda, de interesse, de memória). Cêsanne, o construtivismo (em mais evidente, o cesanismo), que se fizeram sentir.*

— Sabemos que tencionou fixar-se em Portugal. Quais são os seus propósitos e planos?

— *Pretendo continuar a conseguir definir o meu lugar no meio artístico português, participando dos seus problemas, dos seus problemas, dos seus problemas,